

A intertextualidade em ‘A mulher que escreveu a Bíblia’, de Moacyr Scliar: realidade literária e discurso religioso frente às lacunas do imaginário

Mestranda Fernanda Figueirêdo¹ (UEPB)

Resumo:

A partir da obra A mulher que escreveu a Bíblia (1999), do escritor Moacyr Scliar, pretendemos abordar até que ponto a intertextualidade multiplica os sentidos dos textos, literário e religioso, colocando em cena um conjunto de elementos comparáveis entre si, mas com reformulações que fazem a diferença perante uma análise mais profunda sobre o diálogo da obra de Scliar com a própria Bíblia hebraica e O livro de J, de Harold Bloom. Considerando as relações intertextuais entre a literatura e o universo religioso presentes nas narrativas de Scliar, iremos fazer uma abordagem do texto bíblico enquanto literatura, inclusive dando ênfase às características pertinentes a esse plano. Além disso, iremos comparar as nuances do texto bíblico, uma vez entendido que a função comunicativa da ironia depende da compreensão do leitor sobre os significados justapostos à linguagem discursiva.

Palavras-chave: intertextualidade, ironia, imaginário.

Introdução

Muitos são os autores que, direta ou indiretamente, discorrem sobre o conceito de intertextualidade presente na literatura ao longo das épocas. A princípio pode-se dizer que a intertextualidade deve ser entendida como um diálogo entre textos. Para a autora Julia Kristeva (1974, p.72) “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”, conceito clássico que designa perfeitamente a narrativa de Moacyr Scliar, *A mulher que escreveu a Bíblia*, uma vez entendido que a obra constrói sua trama ficcional a partir da ideia posta pelo autor americano Harold Bloom em ‘O Livro de J’ e também diante dos fatos detalhados na bíblia hebraica e omitidos na bíblia cristã.

No referido romance de Scliar, logo na primeira página nos deparamos com a citação do livro *The Book of J*, de Harold Bloom – a qual é marcada por uma intencionalidade perceptível – levar o leitor a associar a primeira obra com a segunda, uma vez que *O Livro de J* (trad.) defende a ideia de que a Bíblia Hebraica ou o Pentateuco, ou seja, os livros Gêneses, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio, teriam sido formulados a partir dos escritos de uma autora, nomeada na obra como “a Javista”, ou seja, J. Nessa perspectiva, Bloom apresenta em seu livro argumentos para comprovar tal ideia, justificando que a escrita em J é surpreendentemente diferente da escrita dos demais livros bíblicos, escritos por homens.

Não por acaso, Scliar recria a história bíblica a partir da visão de como esta mulher abordada

por Bloom escreveria os livros sagrados. Além disso, o romance *A mulher que escreveu a Bíblia* parece preencher as lacunas que os textos bíblicos deixam na imaginação do leitor, principalmente nos trechos marcados pela paródia e desconstrução dos heróis bíblicos ironizados na obra de Scliar. Porém, sendo a Bíblia um texto literário, como o diz Magalhães (2008), é importante percebermos que o próprio cerne de suas narrativas já é marcado por essa comicidade em relação aos personagens, situação que pode ser exemplificada com a história do Rei Davi, que mesmo sendo um grande general se mostra um péssimo exemplo de pai e chefe da família, indo contra a moral e os bons costumes aceitáveis para o contexto, mostrando assim sua grandeza e também sua vergonha.

No que diz respeito às lacunas do imaginário, o que se descortina na Intertextualidade presente na obra Scliar não é somente a comparação entre a própria *Bíblia* e *O Livro de J*, mas também um jogo de significações e características pouco aceitas em um texto que se quer sagrado. O mito religioso em torno da Bíblia não permite que vejamos a obra sob a ótica da crítica literária em sua totalidade, o que ratifica a afirmação de Magalhães (2000) em seu livro *Deus no espelho das palavras*:

Nesta época de críticas profundas, todas com a sua devida pertinência, o cristianismo tende a ser visto mais como um obstáculo do que como parceiro de diálogo, a fé torna-se mais empecilho do que interlocutora e Deus, por conseguinte, passa a ser visto como um péssimo princípio literário. (MAGALHÃES, 2000, p.26).

Então, mesmo com tantos empecilhos, existe uma livre apropriação das narrativas bíblicas na construção de muitas obras primas da literatura, dentre as quais a de Moacyr Scliar, na qual ele apresenta ao leitor certas passagens do Velho Testamento. A partir dessa e de tantas outras recriações percebemos que em qualquer nível, a produção simbólica é sempre uma retomada de outras produções, perfazendo um jogo infinito que enreda autores e leitores em uma complexa trama de textos.

1 Relações intertextuais entre literatura e religião

Para nos situarmos quanto ao nosso objeto de estudo, devemos ter em mente que o romance *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar, foi escrito em 1999 e tem início com um ex-historiador, então terapeuta de vidas passadas, narrando a história de uma mulher contemporânea que descobre, através de uma terapia de vidas passadas, sua identidade ancestral: esta havia sido, no século X a.C. uma das setecentas esposas de Rei Salomão, a mais FEIA de todas, mas a única capaz de ler e escrever; e a quem, encantado com essa habilidade inusitada, “[...] mulher escrevendo? Mulher, mesmo feia, era para cuidar da casa, para casar, gerar filhos.” (SCLIAR, 1999, p.30), o sábio Rei encarregou de escrever a história do seu povo. História essa que a anônima narradora

batiza com um nome grego: bíblion, BÍBLIA.

A mulher, encantada com esta missão, mescla em seu texto, narrado em primeira pessoa, momentos de alta erudição com outros de uma linguagem repleta de palavras e gírias, inclusive modernas. Desta forma ela narra sua própria existência, desde o período em que ela era apenas uma das três filhas do líder anônimo de uma tribo. A narradora-personagem leva o leitor a uma jornada fascinante pelo reino de Salomão, por seu grupo de mulheres, pelas traições e insídias tramadas nos bastidores, por feitos extraordinários e paixões ardorosas.

A partir disso podemos recordar, como já vimos anteriormente, que o termo intertextualidade nos remete a uma trama de textos interligados entre si, conceito que se aplica com perfeição à obra de Scliar. Recorrendo à interpretação feita na dissertação de mestrado da pesquisadora Simone G. Matheus (2011, p.27) a respeito da reflexão sobre as relações intertextuais entre a literatura e a Bíblia, corroboramos que “deixando a intertextualidade operar, por meio da ironia, [...] Scliar recria narrativas em que desconstrói mitos e personagens, bem como ilumina o máximo possível a condição humana neles inscrita”, no entanto, o que nos diferencia dessa visão é o fato de concebermos que os textos bíblicos por si só já desconstroem seus personagens e priorizam a condição frágil do humano.

Dessa forma, a história abordada no romance mostra-se encantadora por ser uma narrativa repleta de malícia e irreverência na qual Moacyr Scliar recria o cotidiano da corte de Salomão e oferece novas versões de célebres episódios bíblicos, mostrando simpatia pelos excluídos de todas as épocas e lugares, já que a obra transita entre uma convergência de tempos que prende o leitor entre o presente e o passado (a história recontada).

Voltando às colocações de Harold Bloom feitas em *O Livro de J*, percebemos que a Javista (que seria a mesma personagem central da obra de Scliar) viveu no tempo de Salomão, colocando sempre Davi como o auge da bênção divina, embora implicitamente. Além disso, sabe-se que o livro da Javista surge em um período pós Davi. “Antes de Davi, quase não existe a literatura hebraica. Depois de Davi, e graças a ele, surgem J e o autor do Segundo Livro de Samuel, estabelecendo os limites sublimes da literatura hebraica quase em seus primórdios” (BLOOM, 1992, p. 57). É a partir dessas e de outras informações já retratadas por Bloom e pela própria Bíblia hebraica que a autora anônima em *A mulher que escreveu a Bíblia* vai recontar toda a história de um povo a partir de sua visão e sua versão dos fatos, em um relato no qual encontramos uma espécie de continuação para aquelas histórias permeadas por lacunas na imaginação dos leitores, a exemplo de como o homem foi criado, como ele se reproduziu, como ele constituiu uma família sem praticar o incesto, quando na verdade a Bíblia não mostra indícios de existir outro grupo ali, uma vez que Adão e Eva (e filhos) foram os primeiros a povoarem a terra.

Em suma, intertextualidade da leitura desorganiza a linearidade, problematiza qualquer origem ou destino que a “explique”, que a faça devedora de respeito à Lei (dos direitos autorais), que a obrigue a obedecer ao Pai ou a matá-lo para, então, ocupar o seu lugar e dar continuidade à sua função, ressuscitá-lo. (SILVA, 2003, p.215)

Outro exemplo de intertextualidade que une literatura e religião no texto de Scliar é a questão sexual apresentada de forma explícita por J, ou pela anônima narradora, como se queira chamar. O teor lascivo das descrições de relações imaginadas e vividas pela escritora remete ao Cântico dos Cânticos, livro do antigo testamento que por si só carrega um embate acadêmico-teológico acerca de sua autoria (a priori diz-se ter sido escrito por Salomão), sua sacralidade, suas traduções e suas várias interpretações – discussão esta que está totalmente interligada ao trabalho de Scliar, inclusive a obra *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*, escrita pelo autor (também poeta e tradutor) Geraldo Holanda Cavalcanti em 2005, tem sua apresentação feita por Moacyr Scliar. Outro ponto é a descrição de um ato sexual neste texto, tendo em vista que somente no sentido real do hebraico têm-se esse tipo de significação – fato bem apresentado e comentado por J, sem pudores.

No hebraico antigo, sendo ele escrito apenas com consoantes, é a vocalização com que se queira completar a palavra para revelar-lhe o sentido que permitirá sua tradução “literal”. Ora o mesmo conjunto consonantal poderá ser lido com diferentes vozes no entorno das consoantes, conduzindo a palavra a distintos sentidos. [...] há no Cântico uma grande quantidade de palavras que só nele aparecem e em nenhum outro livro do Antigo Testamento. Não há, pois, como saber seus sentidos no universo do hebraico antigo e só no século XX, com o benefício dos progressos obtidos na decifração de línguas semíticas pré-bíblicas, como o ugarítico, o sumério, o fenício e outras, tornou-se possível a aproximação com palavras correlatas que pudessem ajudar a esclarecer os seus significados. (CAVALCANTI, 2005, p. 13-14)

Para finalizar essa questão, de acordo com Tiphaine Samoyault (2008), em meio a essa profusão de práticas ligadas ao conceito de intertextualidade, seja esta referente a práticas de escrita como citações, pastiches, dentre outras tipologias realçadas por escritores diversos, vai-se criando um perpétuo diálogo tecido pela e na literatura, que não se omite diante de questões dogmáticas e que antes não poderiam, ou não deveriam, ser abordadas. As teorias modernas do texto ganham espaço e reformulam a noção do que vem a ser literatura.

2 O texto bíblico enquanto literatura

É inegável que toda a obra de Scliar transita por um viés desafiador perante uma abordagem da Bíblia enquanto literatura, e mais, dessa literatura como construtora de culturas que “reproduzem” a função dos personagens na construção de uma verdade ocidental: o que é certo e o que é errado a partir dos ensinamentos cristãos.

Sobre a Bíblia enquanto literatura, de acordo com Magalhães (2008, p.17) “[...] o literário da Bíblia não pode ser compreendido em profundidade sem que se leve em consideração que a narrativa é constituída por concepções teológicas”, sendo relevante lembrar, por exemplo, que há uma diferença entre Bíblia Hebraica e o Antigo Testamento Cristão no que diz respeito à forma como eles são organizados e distribuídos.

Nesse cenário torna-se necessário transpor os obstáculos impostos pela sociedade no que tange à compreensão da Bíblia enquanto literatura, valendo-se de pensamentos como o de Bloom (1992, p.22) quando este afirma que “todos os relatos da Bíblia são ficções eruditas ou fantasias religiosas, e geralmente servem a propósitos bastante tendenciosos”.

Ainda sobre essa reorganização dos textos bíblicos citada anteriormente, podemos afirmar que enquanto na Bíblia Hebraica, os textos proféticos estão no meio e os últimos livros são os que apresentam um Deus que cada vez menos fala e interfere na vida humana, no Antigo Testamento Cristão os livros proféticos, nos quais Deus é falante, ficam no final. Este arranjo literário e teológico tem um papel importante para a compreensão dos personagens.

Na Bíblia hebraica, porém, depois que a ação cede terreno ao discurso, o discurso por sua vez dá lugar ao silêncio [...] Qual é o significado dessa longa penumbra da Bíblia hebraica, em seus últimos dez livros? A penumbra não é a seguida de trevas: Deus não morre. Mas ele nunca mais interfere nos assuntos humanos, e implicitamente fica cada vez mais claro que não se espera mais nenhuma intervenção dele. (MILES,1997, 22-3).

Nesse modelo de organização adotado pela Bíblia hebraica, que é o texto usado como parâmetro por Scliar enquanto judeu que é, há uma chave indispensável para a compreensão dos textos literários posteriores no estilo que o autor usa, pois o Deus da Bíblia hebraica negocia constantemente com as personagens humanas, cede a elas certos direitos, especialmente os da co-criação e da capacidade inventiva de criar tramas e enredos nas suas muitas narrativas.

Por esse ponto de vista, o deslocamento das cenas presentes no texto de Scliar poderia ser então comparável com o arranjo teológico distinto entre a Bíblia Hebraica e a Bíblia Cristã, ambos sendo editados para o melhor posicionamento da narrativa frente aos interesses de quem assim o dispõe, e no caso da obra em análise, para melhor colocação ficcional dos fatos expostos pela narradora.

Uma das questões centrais na obra abordada é a realidade literária junto ao discurso religioso, e não contra. Torna-se necessário que se avalie a relação entre narrativa literária e modos teológicos, reconhecendo a Bíblia como obra literária composta de tramas e personagens complexos e intensos.

A intertextualidade multiplica os sentidos dos textos, literário e religioso (este que não deixa

de ser literatura), colocando em cena um conjunto de elementos comparáveis entre si, mas com reformulações que fazem a diferença perante uma análise mais profunda sobre o diálogo da obra de Scliar com a própria Bíblia hebraica e o livro de J, levando sempre em consideração que a recriação paródica não está presente apenas em *A mulher que escreveu a Bíblia*, mas também nos escritos bíblicos aos quais ele faz menção.

Como assinala Gilda Szklo (1990, p.18) sobre Scliar em seu livro *O bom fim do shtetl*, “o que se impõe reconhecer e enfatizar é essa correlação de fracasso e grandeza que integra o seu universo de paixões e aponta para a intertextualidade e a paródia”, questões ainda pouco analisadas e que merecem destaque na pesquisa literária, uma vez compreendido que a ficção de Scliar retoma alguns episódios bíblicos e desconstrói, por meio da ironia, mitos, personagens e temas do texto sagrado.

Conclusão

Crenças e pretensões históricas à parte, livros como o de Harold Bloom, e mais tarde o de Moacyr Scliar, possuem ideais literários que contam além do que poderiam. São nas entrelinhas da leitura que se observa as verdadeiras intenções, não somente e verdadeiramente de um povo ou personagem citado, mas principalmente do autor em relação à verossimilhança do que é exposto.

Através do imaginário humano, nos mais variados contextos, pode-se perceber que a Bíblia enquanto literatura vai perdendo espaço para o poder religioso, uma vez que questionar suas “verdades” ou apontar seus santos personagens como homens e mulheres suscetíveis a erros e enganos torna-se uma heresia. No entanto, a partir de alguns autores contemporâneos esse assunto é retomado e estudado com sua devida pertinência na academia. Longe de desmoralizar obras sagradas, textos modernos possuem vínculos intertextuais com o universo bíblico com a finalidade de, simplesmente, explorar o lado literário e até histórico da Bíblia e da própria sociedade.

Portanto, é através da intertextualidade, de um intercâmbio de informações e posicionamentos culturais, estéticos, linguísticos e poéticos, que obras como a de Moacyr Scliar conseguem transpor os limites da tradição canônica e visitar textos já duramente marcados pela imaginação religiosa ocidental. É possível retirar dos “textos sagrados” a aura mítica e mística e reinventá-la em outros contextos, ironizando personagens e parodiando tramas anteriores.

Referências Bibliográficas

Bíblia de Jerusalém. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2003.

BLOOM, Harold; ROSENBERG, David. **O livro de J.** Trad. Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos:** um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise.** São Paulo: Perspectiva, 1974. p.72.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras;** Teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000. 213 p.

MAGALHÃES, Antonio C. M. (Org.) ; SILVA, E. B. DA (Org.) ; FERRAZ, S. (Org.) ; CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da (Org.) . **Deuses em Poéticas:** Estudos de Literatura e Teologia. 1a.. ed. Belém: EDUEPA, 2008. 354 p.

MATHEUS, Simone G. **Sagradas apropriações:** A mulher que escreveu a Bíblia, de Moacyr Scliar. Dissertação (Mestrado em Letras) - Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

MILES, Jack. **Deus.** Uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** Trad. Sandra Nitriti. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **A mulher que escreveu a Bíblia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SZKLO, Gilda Salem. **O bom fim do shtetl:** Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990. p.18.

iAutora

Fernanda FIGUEIRÊDO, mestranda em Literatura e Interculturalidade
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Departamento de Letras e Artes (DLA)
nandavarzea@gmail.com